
**EFEMERIDADE E FINITUDE EM ALEXEI BUENO:
UMA REFLEXÃO METAFÍSICA EM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO¹**

Saulo Martins dos Santos (FL-UFG)²

Resumo: O tema deste artigo é a poesia brasileira contemporânea. Objetiva-se analisar a lírica do poeta Alexei Bueno enfocando, principalmente, uma das linhas de força de sua poética: a poesia metafísica que busca a experiência total do ser diante da efemeridade e da finitude da vida em diálogo com a tradição literária. Assim, esta pesquisa bibliográfica investigará o objeto de estudo embasando-se em livros, teses e artigos que enfocam a poesia metafísica e a obra de Alexei Bueno, como: Ana Maria Lisboa de Mello (2010), Carlos Eduardo Marcos Bonfá (2015), Marcos Estevão Gomes Pasche (2014), T. S. Eliot (1989), entre outros.

Palavras-chave: Alexei Bueno. Poesia brasileira contemporânea. Metafísica. Efemeridade. Finitude.

**EPHEMERALITY AND FINITENESS IN ALEXEI BUENO:
A METAPHYSICAL REFLECTION IN DIALOGUE WITH TRADITION**

Abstract: The theme of this article is contemporary Brazilian poetry. The aim is to analyze the poetry of the poet Alexei Bueno focusing mainly on one of the lines of strength of his poetics: metaphysical poetry that seeks the total experience of being before the ephemerality and finiteness of life in dialogue with literary tradition. Thus, this bibliographic research will investigate the object of study based on books, theses and articles that focus on metaphysical poetry and the work of Alexei Bueno, such as: Ana Maria Lisboa de Mello (2010), Carlos Eduardo Marcos Bonfá (2015), Marcos Estevão Gomes Pasche (2014), T. S. Elliot (1989), among others.

Keywords: Alexei Bueno. Contemporary Brazilian poetry. Metaphysics. Ephemerality. Finiteness.

Introdução

Um momento em que será preciso que nos olhemos no espelho sem fundo
E perguntemos: o quê?
O que será nosso sentido? Qual o nosso destino?
(BUENO, 2003, p. 430-431)

¹ Este artigo é um desdobramento do texto monográfico apresentado como trabalho de conclusão à coordenação do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás, Campus São Luís de Montes Belos, sob orientação da Professora Dra. Maria Severina Batista Guimarães no ano de 2015.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, sob orientação do Professor Dr. Marcelo Ferraz de Paula. Bolsista CAPES. E-mail: saulomartins20@hotmail.com.

Inquirir sobre quem somos e sobre qual o nosso destino, diante da efemeridade e da finitude da vida, são questões fundamentais para o sujeito lírico impresso nos versos de Alexei Bueno. Contudo, perguntas assim, como as suscitadas no poema “III. Haverá um momento talvez” (BUENO, 2003, p. 430 - 432) e epígrafe deste trabalho, parecem desnecessárias em um mundo regido pela cultura de massa e pelas relações mercadológicas que “sabe de preços, não de valores” (PAZ, 1993, p. 134). Mesmo nesse cenário, desfavorável à valorização da subjetividade e às reflexões metafísicas, a poesia de Alexei Bueno ganha espaço para publicação.

Arnaldo Saraiva justifica que “o poder dessa voz” (2015, p. 83) está na versatilidade composicional de versos atravessados por um profundo saber técnico, adquirido pela ampla bagagem de leitura de grandes poetas – Camões, Fernando Pessoa, Whitman e muitos outros – e de filósofos, como Plotino, Leibnitz e Bergson. Por isso, segundo o autor, embora haja distintas concepções da passagem do tempo na poesia de Bueno, a visão de limitação e de brevidade do ser “mutável a cada instante” (SARAIVA, 2015, p. 89) perpassa a maioria de seus poemas.

Portanto, para além dos elogios tecidos por Arnaldo Saraiva, é possível afirmar que uma das linhas de força da lírica contemporânea de Alexei Bueno sustenta-se no diálogo estabelecido entre a tradição literária e a metafísica, entre a memória e a busca do significado da experiência humana no tempo presente frente à efemeridade. Logo, o sujeito poético procura legitimar um nós universal,

[...] exortando a humanidade a denegar o mundano (ele não faz por menos). Mas ao invectivar contra a civilização hedonista, o poeta produz algumas metáforas e passagens fortes que encenam de maneira eficaz os dramas éticos de nosso tempo. Alexei sabe infundir *pathos* a seus versos. [E o seu] programa estético aqui se coloca a serviço de um projeto ideológico abrangente de reação cultural, no sentido de reação erudita, no mesmo passo que ofensiva católica tentando recuperar espaço moral e imaginário. Trata-se de um caso de total aversão da poesia literária pela poesia e pela cultura da mídia (MORICONI, 1998, p. 23, grifo do autor).

Na perspectiva de Ítalo Moriconi, o poeta propõe cultivar a subjetividade por meio de uma poesia de contornos filosóficos, “como antídoto ao cotidiano das massas, dado como perverso e desprezível” (1998, p. 23). Relaciona-se a essa visão, o conceito de poeta contemporâneo de Giorgio Agamben. Para o filósofo, ser contemporâneo e estar na contemporaneidade é estabelecer

[...] uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos, porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59, grifos do autor).

Posto isso, esta pesquisa propõe uma leitura de alguns poemas da *Poesia Reunida* (2003) de Alexei Bueno, que podem ser considerados metafísicos pela abordagem temática que apresentam. Sendo assim, o primeiro tópico destaca que há uma difícil definição para poesia metafísica. Porém, algumas características dessa espécie de produção artística podem ser observadas em diferentes poéticas ao longo do tempo, o que permitiu a análise crítica de alguns autores. Por exemplo, Aíla Oliveira Gomes (1991), María Zambrano (1993), T. S. Elliot (1989) fomentam uma discussão sobre as possíveis modulações da poesia vinculada a esse sistema filosófico voltado para a compreensão ontológica da realidade.

Após essa fundamentação teórica, o segundo tópico procura responder as seguintes questões: como se dá a relação entre poesia e metafísica em Alexei Bueno? E, por que o poeta suscita temas como a efemeridade e a finitude do ser na contemporaneidade? A análise dos textos poéticos e os argumentos apontam para respostas que desencadeiam outras reflexões que serão apresentadas na conclusão deste trabalho.

1 Poesia e metafísica: algumas veredas e modulações

“Os metafísicos anônimos” é poema basilar para nossa discussão:

A vida está aqui!
A vida é só isso!
Lá há vida além disso?!
A vida, ei-la aí!

É a vida, isso é a vida!
É a vida aí na frente!
A vida é a presente!
A vida é a aqui tida!

Tal vida é a que amamos!
É a vida que é viva!
É a vida aí cativa!
É a vida que odiamos!

É a vida visível!
É a vida dos pés!
É a vida e os cafês
Que é a vida vivível!

Pois a vida é o vivo
Dizer: vida!, agora,
Já que a vida é a hora
E a vida é o motivo!

A vida é a de cá!
A vida está aquém!
A vida é, não vem!
A vida é ela e já!”

E assim ele tenta
Na rua mais física
Ser sem metafísica,
Mas a noite o enfrenta.
(BUENO, 2003, p. 61)

A poema instaura profundos questionamentos metafísicos sobre a vida. Questões inerentes à condição humana: “a vida está aqui”, “é só isso” ou está “além disso”? Conforme comenta Henrique Marques Samyn, em artigo intitulado “Diante do ser: metafísica e finitude em Ivan Junqueira e Alexei Bueno”,

[...] o título do poema encerra uma irônica referência à condição “clandestina” daqueles que, embora sabedores desta verdade, recusam-se a “assumi-la” publicamente; daqueles que tentam reduzir a vida a um conjunto de experiências concretas, pretensamente auto-evidentes e autossuficientes – algo sintetizado, aliás, no verso “A vida é ela e já” –, quando em verdade têm pleno conhecimento da efemeridade da existência, se considerada em sua finitude. É por esse motivo que, consoante o poema, esses “anônimos” veem-se obrigados a enfrentar a noite [...]: porque, para além dessa efemeridade, há um “algo mais” (ou seja, o próprio Ser) que jamais pode ser deixado de lado – graças ao qual se reafirma aquele questionamento (2009, p. 57).

O termo cunhado para essa espécie de inquirição – metafísica – segundo o *Dicionário de filosofia*, de Nicola Abbagnano, refere-se à “ciência primeira, isto é, a ciência que tem por objeto próprio o objeto comum de todas as outras e como princípio próprio um princípio que condiciona a validade dos outros” (1962, p. 633, grifo do autor). Por seu caráter primário, que tende à compreensão do princípio, à origem das

substâncias, dos seres e dos objetos, a metafísica seria a “ciência daquilo que está além da experiência” (ABBAGNANO, 1962, p. 633).

Juliana Santos, ao discutir a estetização da morte na obra de Augusto Frederico Schmidt, poeta da segunda geração do Modernismo brasileiro, recorre à crítica francesa para fornecer uma provável definição de metafísica:

A metafísica pode ser entendida como uma área da filosofia que tem por tarefa fazer uma investigação racional de um conjunto de interrogações fundamentais acerca do ser absoluto, das causas do universo e dos princípios primeiros do conhecimento. Daí decorre que o problema do ser (a relação entre essência e existência); a liberdade; a noção de Deus; o sentido da matéria, do tempo e do espaço; a cosmologia sejam domínios investigados pelos metafísicos (SANTOS, 2009, p. 200).

Essa noção proposta pela pesquisadora alia-se à reflexão do filósofo norte-americano Richard Taylor, da Universidade Brown, que introduz o livro *Metafísica* reportando-se à definição do psicólogo William James para esse conceito controverso como “apenas um esforço extraordinariamente obstinado para pensar com clareza” (1969, p. 13). Taylor afirma que não são muitos que se debruçam sobre questões profundas e inerentes à existência humana, exceto quanto interesses muito particulares estão envolvidos. Não há necessidade para pensar assim e daí não sentem qualquer disposição para isso. Ele ainda constata que

Excetuando algumas almas meditativas, os homens que percorrem a vida aceitando como axiomas, simplesmente, aquelas questões da existência, propósito e significado que aos metafísicos parecem sumamente intrigantes. O que sobretudo exige a atenção de todas as criaturas, e de todos os homens, é a necessidade de sobreviver e, uma vez que isso fique razoavelmente assegurado, a necessidade de existir com toda a segurança possível. Todo pensamento começa aí, e a sua maior parte cessa aí. Sentimo-nos mais à vontade para pensar *como* fazer isto ou aquilo. Por isso a engenharia, a política e a indústria são muito naturais aos homens. Mas a Metafísica não se interessa, de modo algum, pelos “comos” da vida e sim apenas pelos “porquês”, pelas questões que é perfeitamente fácil jamais formular durante uma vida inteira.

Pensar metafisicamente é pensar, sem arbitrariedade nem dogmatismo, nos mais básicos problemas da existência. Os problemas são básicos no sentido de que são fundamentais, de que muita coisa depende deles (TAYLOR, 1969, p. 13, grifo do autor).

Taylor exorta o homem a suspender os juízos particulares sobre as verdades finais das coisas, uma vez que ninguém seria, sob a ótica metafísica, possuidor de premissas exatas e inquestionáveis. Devendo, portanto, “contentar-se com a apreciação

Metafísica. [Pois] o resto da verdade, se alguma vez tiver boa fortuna de receber parte dela, chegar-lhe-á do seu próprio íntimo, se acaso chegar” (TAYLOR, 1969, p. 16).

Quanto à poesia metafísica, Juliana Santos esclarece o seguinte:

O questionamento sobre o ser e o não-ser, sobre a Verdade e o amor; a afirmação ou negação da transcendência e de entidades divinas; a busca por um sentido para a existência e para a morte; as noções de finitude e eternidade, corpo e alma, todos esses empassos universais, que acompanham o homem durante toda sua existência, serão *a matriz, o fundamento* da poesia denominada metafísica (2009, p. 201, grifos nossos).

Por exemplo, segundo T. S. Elliot, há um grupo de poetas ingleses do século XVII que se preocupam com questões metafísicas e as tematizam em sua poesia, dentre eles estão: Robert Southwell, George Herbert, Henry Vaughan, Richard Crashaw, Andrew Marwell, Henry King e o maior nome do grupo, John Donne. Elliot, no entanto, aponta um obstáculo: “é não só extremamente difícil definir poesia metafísica, mas também determinar que poetas a praticam e em quais dos seus versos” (1989, p. 113). Mas, ao que parece, a lírica desses poetas está entremeada de símbolos e reflexões acerca do homem e de sua existência efêmera e finita. O grupo inglês une pensamento e sensibilidade, praticando a meditação em temas religiosos fundamentais que incitam a vivência espiritual e a contemplação poética.

Desse modo, Elliot percebe qualidades que aproximam os metafísicos e que, em geral, são comuns às produções poéticas dos demais poetas que se filiam, em todas as épocas, a essa corrente de pensamento, integralmente ou em apenas alguns de seus versos. Alguns aspectos próprios são: a riqueza de associação de ideias e pensamentos, a significação clara, a linguagem simples e elegante; contudo, as estruturas sintáticas do verso não são, de modo algum, simples e revelam fidelidade às emoções, dando, por vezes, liberdade ao fluxo de consciência.

Abre-se um importante parêntese: segundo a introdução de *Poesia metafísica*, antologia organizada por Aíla Oliveira Gomes, editada em 1991,

[...] mesmo os poemas de mais genuíno caráter lírico dos grandes metafísicos são marcadamente argumentativos. Nem por isso, entretanto, pode-se chamar a seus autores, enquanto poetas, de intelectuais, pois não se trata, em suas obras, de uma intelectualidade expressa em versos, mas de pensamentos ou raciocínios embebidos de vivência emocional, de sensualidade, ou de contemplação poética – uma coisa gerando outra (p. 11).

Essa importante constatação de Gomes coaduna-se aos argumentos de María Zambrano, em *Poesia e metafísica*, obra publicada inicialmente em 1939. Para a filósofa espanhola, os raciocínios metafísicos do poeta, absorvidos em interrogações e incertezas do viver físico e emocional, resultam de uma inexplicável angústia. Por isso, Zambrano vai afirmar que “la angustia parece ser la raíz originaria de la metafísica” (1993, p. 86).

Essa angústia particular aos metafísicos pode ser observada em outro notável momento da poesia metafísica, o Simbolismo. Para a professora Ana Maria Lisboa de Mello, os poetas filiados à corrente simbolista

[...] opondo-se às estéticas em voga na segunda metade do século XIX, vão em busca da “expressão de sensações e emoções do indivíduo”, valendo-se do símbolo como mediador da comunicação (2009, p. 16).

A estética simbolista, permeada de reflexões metafísicas, recorre aos símbolos para dizer o indizível, para nomear aquilo que não pode ser nomeado por sua natureza, força ou beleza. Os simbolistas buscam transcender não apenas os mestres parnasianos, mas os limites do pensamento. Orientados na direção do abstrato e não da experiência, procuram “reconquistar o *sentimento de totalidade* que parecia perdido desde a crise do Romantismo” (BOSI, 1994, p. 263, grifo do autor). O objetivo é: integrar o conceito de arte pela arte à vida cósmica, conferindo à poesia “um estatuto de privilégio que tradicionalmente caberia à religião ou à filosofia” (BOSI, 1994, p. 263).

Conforme aponta o crítico Alexei Bueno, a arte simbolista pendula “[...] entre o contido e o arrebatado, o apolíneo e o dionisíaco, o racional e o intuitivo” (2007, p. 213) e surge como reação ao materialismo parnasiano, à visão fisiológica do homem naturalista e à redução da poesia à arte estatuária e ao labor requintado e minucioso do artesanato poético. No Brasil, o nome de João Cruz e Sousa figura entre os maiores da escola Simbolista, bem como o de Alphonsus de Guimaraens, Augusto dos Anjos, entre outros. Sobre o livro *Faróis* de Cruz e Sousa (2008), publicado postumamente, Bueno comenta:

Composto primordialmente de poemas longos, entre eles se contam alguns dos mais impressionantes da nossa literatura, ascendentes, em tom muito diverso [...]. A sensação da fragilidade da vida, a da pobreza como gêmea da loucura, a busca discretamente desesperada de uma salvação, algo de duradouro na impermanência geral, dominam os poemas de *Faróis* (2007, p. 218, grifo do autor).

A consciência da fragilidade social, a loucura, a busca discreta pela prometida salvação espiritual, as incógnitas sobre a natureza humana e os impasses sobre a existência efêmera são temas recorrentes em Cruz e Sousa. Ao abordá-los, o poeta alcança alturas metafísicas inéditas na poesia nacional. Um exemplo elucidativo encontra-se no poema “Meu filho”:

[...]
Ah! Vida! Vida! Vida! Incendiada tragédia,
Transfigurado Horror, Sonho transfigurado,
Macabras contorções de lúgubre comédia
Que um cérebro de louco houvesse imaginado!

Meu filho que eu adoro e cubro de carinhos,
Que do mundo vilão ternamente defendo,
Há de mais tarde errar por tremedais e espinhos
Sem que o possa acudir no suplicio tremendo.

Que eu vagarei por fim nos mundos invisíveis,
Nas diluentes visões dos largos Infinitos,
Sem nunca mais ouvir os clamores horríveis,
A mágoa dos seus ais e os ecos dos seus gritos.

Vendo-o no berço assim, sinto muda agonia,
Um misto de ansiedade, um misto de tortura.
Subo e paio dos céus na estrelada harmonia
E desço e entro do Inferno a furna hórrida, escura.

E sinto sede intensa e intensa febre, tanto,
Tanto Azul, tanto abismo atroz que me deslumbra.
Velha saudade ideal, monja de amargo Encanto,
Desce por sobre mim sua estranha penumbra.

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,
Do tormentoso Horror, tu nada sabes, nada...
O teu caminho e claro, é matinal de brilho,
Não conheces a sombra e os golpes da emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono
Não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro...
Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono,
A Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!
(SOUSA, 2008, p. 481)

O nascimento de um filho motiva Cruz e Sousa a compor este poema em quadras decassílabas e, segundo Alexei Bueno, é “resultado do choque entre o seu natural transbordamento afetivo por esse advento e a preocupação amarga, e na verdade profética, pelo seu futuro” (2007, p. 221). Previsões que, por infortúnio, se cumpriram tragicamente; “[...] desde a ausência do poeta, já morto, para acompanhar o futuro do

filho, até a miséria que encarniadamente lhe seguiu a descendência” (BUENO, 2007, p. 222).

O tom profético de “Meu filho” é alcançado através da construção imagética vinculada aos símbolos (espinhos e abismo). O angustiante descontentamento e as afirmações apocalíptica, motivadas pelas experiências vividas, evidenciam a estrita relação entre poesia e metafísica em Cruz e Sousa e confirmam-se nos versos: “[...] Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono/Não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro.../Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono,/A Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!” (SOUSA, 2008, p. 481). Na inocência, o filho dorme e, infelizmente, não sabe o que o espera. Refletir sobre o certo e o incerto, sobre as origens dos infortúnios, da perversidade e trazer à tona questões inerentes à conturbada existência humana é pensar a partir de uma compreensão ontológica e, logo, metafísica.

Por essa mesma vereda, alguns poetas contemporâneos caminham em direção a uma espécie de meditação espiritual de cunho metafísico. Vejamos alguns poemas de Alexei Bueno como exemplo.

2 Efemeridade e finitude: uma aproximação entre poesia e metafísica

Um dos temas recorrentes na lírica contemporânea de Alexei Bueno é a finitude da vida humana diante da existência efêmera. No entanto, o “ser surge, sobretudo, como permanência – uma permanência que atravessa o infinito ciclo de mortes e renascimentos que constitui a existência”, diz Henrique Marques Samyn (2009, p. 60), ao considerar o sentido da metafísica na poesia de Alexei Bueno.

O sociólogo Zygmunt Bauman admite que “ingressamos num mundo em que uma terrível quantidade de aspectos são óbvios a ponto de não serem conscientemente notados e não precisarem de esforço ativo, nem mesmo o de decifrá-los” (BAUMAN, 1998, p. 17). O autor chega a essa conclusão partindo da análise da sociologia fenomenológica, cujo precursor é Alfred Schütz. Por conseguinte, Bauman postula que a vivência atual está tão permeada de afazeres e obrigações que o sentido da própria vida, a morte e as circunstâncias de existência tornam-se irrelevantes.

Contra a ordem imposta, remando contra a corrente, está a voz de Alexei Bueno. O sujeito poético impresso em seus versos, “por meio da sondagem metafísica e das ideias eternas, captadas do gênio das civilizações clássicas, [...] faz o

questionamento da modernidade e propõe a poesia como instância da reflexão sobre a vida e o ser”, comenta Mires Batista Bender, em artigo intitulado “O estranho e sofisticado Alexei Bueno” (2007, p. 4). Para isso, recorre à antiguidade clássica, aos deuses do Olimpo, bem como às formas tradicionais para reativar o espírito humano, dando fôlego aos questionamentos primários sobre a existência, a finitude da vida e a morte.

Um exemplo disso encontra-se em *Lucernário*, publicado inicialmente em 1993. Para Antonio Carlos Secchin, o tom nostálgico estabelece contraponto entre a fugacidade e permanência de versos isométricos, com destaque à ampla utilização de sonetos. E o crítico continua: “Eis um poeta a quem repugna o arbitrário: tudo nele soa medido, até o destempero” (SECCHIN, 1996, p. 167). Há, segundo Secchin, um afastamento dos valores contemporâneos e um reconhecimento consciente, porém não dito, das funções da arte poética como via de escape à miséria humana. “Alexei altera o enredo e corrói-lhes os sentidos” (SECCHIN, 1996, p. 167), conforme se lê no poema “Helena”:

No cômodo onde Menelau vivera
Bateram. Nada. Helena estava morta.
A última aia a entrar fechou a porta,
Levavam linho, unguento, âmbar e cera.

Noventa e sete anos. Suas pernas
Eram dois secos galhos recurvados.
Seus seios até o umbigo desdobrados
Cobriam-lhe três hérnias bem externas.

Na boca sem um dente os lábios frouxos
Murchavam, ralo pelo lhe cobria
O sexo que de perto parecia
Um pergaminho antigo de tons roxos.

Maquiaram-lhe as pálpebras vincadas,
Compuseram seus ossos quebradiços,
Deram-lhe à boca uns rubores postiços,
Envolveram-na em faixas perfumadas.

Então chamas onívoras tragaram
A carne que cindiu tantas vontades.
Quando sua sombra idosa entrou no Hades
As sombras dos heróis todas choraram.
(BUENO, 2003, p. 247)

Ernest Becker, em *A negação da morte* (1973), fundamenta com profundidade a tese freudiana do heroísmo, que sustenta-se sobre os pilares do constante e iminente

“terror de morte”, segundo expressão do próprio autor. Segundo Becker, há excessiva pressão para que se apresentem conceitos simplificados para grandes questões, dentre elas a imprevisibilidade da morte e os sentidos da existência. “De todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o terror da morte” (BECKER, 1973, p. 25), afirma o teórico, ao se reportar a todas as épocas. Este conceito motiva o homem ao heroísmo, bem como suas tomadas de decisão, mesmo que inconscientemente. O medo não é uma constante, mas permeia, por vezes, de modo imperceptível o cotidiano.

O que é inconsciente ao ser contemporâneo, a não ser diante de risco iminente, torna-se consciência em “Helena” e aprofunda-se, uma vez que a expressão lírica procura ir além, ao pós-morte. A linguagem poética de tom simples e prosaico contrasta com a complexidade do tema, o que seria, segundo Hugo Friedrich (1978), característica da lírica moderna.

Os versos decassílabos dos quartetos são tomados de carga imagética, a união de som e símbolo no corpo do poema, ideia defendida por Bosi (1977), alcança outro estágio: a sublimação pela transcendência. A isto atrela-se a apropriada percepção de Marcos Estevão Gomes Pasche:

Em “Helena”, portanto, o discurso é plataforma de antagonismos: o precioso apuro formal relata o avesso do esplendor, e, por extensão, o poeta, ao revelar uma Helena com destino até então desconhecido, insere na tradição uma sombra corrosiva, se pensarmos em “tradição” e “helenismo” a partir dos solares poemas parnasianos. O que há de precioso, então, não se confunde com preciosismo, pois não há busca por uma beleza remota e previsível, como seria próprio de um reverenciador escolarizado, tampouco se resume ao formalismo em regozijo por palavras, metros e rimas. Se em Alexei há nítida assimilação de matrizes helênicas, há que se perceber em sua poética a forma como se manifesta o homem de uma era desprovida de deuses e amputada de helenismos (PASCHE, 2014, p. 91).

“Helena”, em seu discurso mito-poético, maximiza e evidencia os sentidos existenciais. No entanto, não elucida os sentidos da vida e como consequência anuncia a efemeridade.

Não importa quantas guerras poderão ser lutadas, fatalmente acabarão. A grandeza humana das conquistas, das batalhas coletivas, do combate heroico é confrontada com a única certeza que resta ao ser humano: a finitude das coisas, na medida em que o ser humano é perecível. Ao final, às sombras dos heróis só restou chorarem (SANTOS, 2006, p. 282).

Do mesmo modo, o soneto “Iluminação”, publicado em 1984 no livro *As escadas da torre*, obra inaugural da poética de Alexei Bueno. Os versos cadenciados nos canônicos moldes do soneto se repetem e suscitam a reflexão metafísica, assim como em “Helena”. O sujeito lírico se depara com as realizações de uma vida; de sua vida. Riu da sorte, por ser metuculoso e prudente, anotando informações acumuladas ao longo do tempo. Anotar é metáfora de construir, de produzir, de reproduzir, submetendo-se às exigências do cotidiano, tais como as obrigações com o trabalho e com a família. No entanto, não se sabe a natureza dessas obrigações, apenas que aparentemente são solitárias e tediosas, como revela o verso: “Madrugadas profundas de proscrito” (BUENO, 2003, p. 18).

Em “Iluminação”, ao chegar junto à morte, o sujeito percebe que a caneta estava sem tinta, que as folhas em branco chegavam às sancas, o que amplia sua visão. O panorama posto permite uma constatação: a vida é efêmera, seu sentido é relativo e pode se dispersar nas obrigações do cotidiano. O despertar é tardio, assim como para a maioria dos homens, pois a vida só parece ter real sentido até o encontro com a morte e seus mistérios.

Ao citar Octavio Paz, em *O arco e a lira*, Salete Rosa Pezzi dos Santos (2006) aponta para os elos entre palavra e realidade externa. Para a pesquisadora, as pontes estabelecidas superam distâncias e fronteiras. Através da poesia, do uso poético da palavra, o homem será capaz de transcender sua condição existencial. Em outra obra, *A dupla chama: amor e erotismo* (1994), Octavio Paz constata:

A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo. Os sentidos, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e nos faz ouvir o inaudito e ver o imperceptível (p. 11).

A poesia metafísica de Alexei Bueno tende a transcender, rumo a novos horizontes, revelando um mundo dentro deste mundo. Em “Crepuscular”, o cotidiano alcança esse nível:

Pobre homem... ele olha bem feliz
A coleção de livros quinzenais
Que ele hoje terminou, pra nunca mais,
A única completa, como o quis.

Lá fora a tarde cai... e o vento vem...
Na estante ele sorri, (freme a avenida)...
- A única completa numa vida!
Pros séculos dos séculos Amém...
(BUENO, 2003, p. 42-43)

Um homem aprecia e celebra sua conquista: terminar sua coleção de livros quinzenais – “A única completa, como o quis”. A partir de um referencial metafísico, as quadras de rimas interpoladas e versos decassílabos, de linguagem clara e simples, “que obedece[m] uma regra pura e singela” (ELLIOT, 1989, p. 118), seguindo de perto a tradição formal, reduzem tudo ao fenômeno diminuto de um triunfo, aparentemente insignificante para o interlocutor. “Não obstante, há aí um vazio” (SAMYN, 2009, p. 57), denunciado pela segunda estrofe: “Lá fora a tarde cai... e o vento vem”. Um distanciamento focal ocorre, o sujeito poético observa a realidade do mundo exterior e percebe a insignificância do evento, de toda sua mediocridade inútil. O que, para aquele homem, é um acontecimento esplêndido.

Sendo assim,

[...] o poeta nos desloca para fora do recinto onde está o homem, recurso que imediatamente relativiza a importância concedida ao acontecimento na estrofe inicial [e suscita a questão:] o que é a felicidade de um homem, por conta de um sucesso trivial, diante de tudo o mais que existe? Nos dois últimos versos, após retomar brevemente o ambiente psicológico da estrofe inicial (“- A única completa numa vida!”), o poeta arremata sarcasticamente, denunciando o absurdo valor concedido ao banal evento: “Pros século dos séculos Amém...” (SAMYN, 2009, p. 58).

O sujeito de “Crepuscular”, pelo viés metafísico, expõe o vazio existencial nos meandros da complexa sociedade humana. Por outro lado, o homem que enfrenta a “noite”, metáfora da finitude, também precisa zelar de seu âmago, de suas carências e ser feliz com pequenos gestos e atos, independentemente das consecuições científicas e tecnológicas contemporâneas e dos critérios de avaliação, a que todos os homens são submetidos. Talvez aí esteja o segredo da tão almejada felicidade: encontrar um ponto de equilíbrio entre individualidades e ações comuns da vida coletiva.

Ao defrontar-se com o efêmero, o sujeito lírico em Alexei Bueno indaga a existência humana e ultrapassa os limites da morte. Uma concepção encontrada em muitos poemas é que, mesmo em uma vida finita, há perspectivas além-túmulo. Isso, no entanto, não significa uma esperança celestial ou punição eterna, muito menos um

estado de purificação entre os entes queridos falecidos e uma posterior reencarnação, como postulam o cristianismo e o dogma espírita, respectivamente. Embora Alexei Bueno adote símbolos religiosos cristãos para compor alguns de seus versos, sua concepção de alma e permanência pós-morte é duvidosa e obscura, próprio de uma conjugação metafísica vinculada à poesia, que busca diversos significados e verdades nas sombras.

A insuperável complexidade de uma definição única e fidedigna leva Richard Taylor, por exemplo, ao conceito materialista, calcado em preceitos metafísicos, de que alma é aquilo que “supre a diferença entre ser um mero corpo animal e ser uma pessoa. É este o melhor recurso que se poderia encontrar para indicar que não se tem ideia alguma sobre aquilo de que se está falando” (TAYLOR, 1969, p. 50). Essa incerteza evidencia-se nos versos de Alexei Bueno; não por incapacidade ou fôlego para o debate, e sim como espelho da condição humana, finita e inconsistente, incapaz de desvendar os mistérios da morte:

A verdade da morte não nos serve
Como não nos serve um manto
De rasgos sorridente
No carrancudo inverno
(BUENO, 2003, p. 193)

Não há verdade absoluta sobre a morte e sobre a real condição dos mortos. Tal noção é encontrada, também, em “São João Marcos”, cujos primeiros versos questionam a existência, evidentemente passível, pois finita:

Mas o que é existir? Oca, submersa,
Esta é a cidade. O nosso úmido avesso
É o espelho final, suma sem preço
Que ajunta o que o fenômeno dispersa.
(BUENO, 2003, p. 387)

Qual seria a resposta da inquirição sobre a existência? No poema, os homens são comparados à cidade vazia (“Oca, submersa”), e cujo destino é o confronto final com a morte (“É o espelho final, suma sem preço”). Este fim não pode ser mensurado, compreendido em sua totalidade. Por conseguinte, há dúvidas quanto à posterioridade além da morte, no entanto, o fenômeno que separa os homens de suas existências físicas, pode juntar o ser. Samyn (2009) interpreta o poema e ressalta que a corda da

vida pode vibrar novamente, pela eternidade, mas também pode extinguir-se. A dúvida paira no ar e as convicções são relativas, mesmo no movimento de retorno esperançoso o incerto não permite uma afirmação concisa de que a permanência da alma ou de suas condições além do tempo sejam verdadeiras. Assim como também não há uma completa negação dessas verdades.

Assim como em poetas do passado, como Augusto Frederico Schmidt e Cruz e Sousa, o sujeito lírico em Alexei Bueno busca cindir a realidade objetiva em versos “matizados de religiosidade, sentimentos melancólicos e atravessados pela angústia diante de tudo que sugere a aproximação da morte” (MELLO, 2009, p. 30) sob o viés metafísico. Desta maneira, a lírica do poeta carioca demonstra-se lúgubre e intrincada quando os temas são a existência efêmera e a finitude humana, associados à tradição literária.

Considerações finais

Benedito Nunes, em sua *Introdução à filosofia da arte*, salienta que os “produtos maiores da produção artística, principalmente os da literatura, são dotados de uma certa eficácia, podendo influir nas atitudes humanas (2010, p. 88). Desse modo, a poesia contemporânea de Alexei Bueno ao apresentar complexidade conceitual em bases filosóficas, provoca a reflexão sobre as questões que substanciam a experiência humana, dentro da mais profunda veia da poesia metafísica. “Alexei assume para si a tarefa de fazer o processo da contracultura, atacando a banalidade de uma civilização presa aos prazeres e vicissitudes do corpo e defendendo sua troca pelo ponto de vista da cultura e do espírito” (MORICONI, 1998, p. 22).

Os referenciais teóricos sobre poesia metafísica foram expostos no subtítulo 1. Pelo viés histórico, demonstrou-se que a metafísica, como sistema filosófico, está intimamente ligada à poesia de poetas consagrados pelo cânone. Dentre eles estão: os poetas metafísicos ingleses do século XVII, os simbolistas franceses, portugueses e brasileiros, em que o “estranho e sofisticado gosto” (ELLIOT, 1989) pela essência do ser e do universo caracteriza suas vozes angustiadas, assim como em Bueno.

A lírica metafísica do poeta carioca em diálogo com a tradição literária, revitaliza formas e temas, buscando transcender à realidade cotidiana e aguçar o espírito crítico do leitor.

Dilatando a consciência, tornando-a mais receptiva aos contrastes da vida, ela [a arte e, conseqüentemente a poesia] pode abrir possibilidades para a ação prática. Sem conduzir diretamente nem ao compromisso moral nem à atividade de caráter social ou político, é uma forma de apelo, de solicitação, capaz de despertar a consciência moral para a descoberta dos valores éticos, inclusive os sociais e políticos (NUNES, 2010, p. 88).

A poesia, dada essa função humanizadora, transpõe os limites da realidade cotidiana. Ler e atribuir sentidos à poesia é penetrar na própria subjetividade e sair de lá um ser mais capaz de compreender a vida e o mundo. Conforme esclarece Theodor Adorno, os laços entre lírica e sociedade tornam-se perceptíveis quando o teor de um poema ultrapassa os limites de uma mera expressão de sentimentos e experiências individuais. As obras de arte “só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal” (ADORNO, 2003, p. 65). Sendo assim, “a composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal” (ADORNO, 2003, p. 66) e assume seu caráter social, dando voz à humanidade.

A análise de alguns poemas metafísicos de Alexei Bueno evidencia o caráter social de sua poesia contemporânea. O poeta proporciona experiência histórica, pelo viés metafísico vinculado à tradição literária, e seus leitores comprovam que o sujeito de sua poesia está

[...] intimamente ligado à realidade vigente: ele não pode falar de nenhum outro lugar que não seja o de uma sociedade passada, ela mesma senhorial. Desse passado é tomado de empréstimo o ideal de nobreza que dita a escolha de cada palavra, imagem e som no poema (ADORNO, 2003, p. 85-86).

Antes de finalizar, cabe uma importante ressalva: a permanência de discursos e formas tradicionais caros à literatura, na lírica brasileira contemporânea, é aporia conflituosa para a crítica que se dedica à análise das produções poéticas contemporâneas. Diante das divergências, destaca-se que um futuro estudo sobre essa tendência atual na poesia brasileira será relevante para a crítica literária dedicada às produções de poetas, como Alexei Bueno. Diante das conclusões, o poeta dá uma “Justificativa” para sua existência:

Não sei o que fiz na vida.
Não a gastei como os cães.
Cada instante é a despedida
Do rio irreal das manhãs.

Nada ganhei. Não venci.
Nunca o quis. Deixo alguns versos,
Prova do que fiz aqui,
Perplexo em meio aos perversos.

(BUENO, 2006, p. 23)

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ADORNO, Theodor. *Palestra sobre lírica e sociedade*. In: _____. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003. p. 65-90.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- BENDER, Mires Batista. *O estranho e sofisticado Alexei Bueno*. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2007, p. 1-8.
- BONFÁ, Carlos Eduardo Marcos. *A busca da experiência total do humano na poesia de Alexei Bueno*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Alexei. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- _____. *A árvore seca*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.
- ELLIOT, T. S. *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GOMES, Aíla de Oliveira. *Introdução*. In: _____. Poesia metafísica: uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: FAPA, 2009.

MORICONI, Ítalo. *Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira*. In: PEDROSA, Célia; MATOS, Cláudia; NASCIMENTO, Evando (Org.). Poesia hoje. Niterói: EdUFF, 1998.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 2010.

PASCHE, Marcos Estevão Gomes. *A improvável encruzilhada: neoclassicismo e modernidade em Alexei Buenos, Glauco Mattoso e Ivan Junqueira*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *A outra voz*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.

SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. *O encontro dos tempos em Alexei Bueno*. Revista Méti: história & cultura, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, janeiro/junho 2006, p. 271-287.

SANTOS, Juliana. *A estetização da morte em Augusto Frederico Schmidt*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: FAPA, 2009, p. 193-219.

_____. *A busca metafísica na poesia de Vinicius de Moraes*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: FAPA, 2009, p. 277-310.

SAMYN, Henrique Marques. *Diante do ser: metafísica e finitude em Ivan Junqueira e Alexei Bueno*. Estação literária, Londrina, v. 3, 2009, p. 55-63.

SARAIVA, Arnaldo. *A poesia exaltada e exaltante de Alexei Bueno*. In: FERENC, Pál (Org.). *Centro de Estudos Brasileiros da ELTE*. ELTE: Budapeste, 2015, p. 83-95.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Poesia e desordem: escritos sobre poesia e alguma prosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Jaraguá do Sul - SC: Avenida, 2008.

TAYLOR, Richard. *Metafísica*. Rio De Janeiro: Zahar, 1969.

ZAMBRANO, Maria. *Metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.